

DESAMPARO E METAPSICOLOGIA
PARA SITUAR O CONCEITO DE DESAMPARO NO
CONTEXTO DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA*

*Zeferino Rocha***

Resumo: Apesar de Freud não ter feito um estudo sistemático da experiência do desamparo, hoje a maioria dos teóricos da psicanálise admite que ela tem um lugar de destaque na Metapsicologia Freudiana. De fato, o conceito do desamparo está intimamente articulado aos conceitos fundamentais do inconsciente e da Angústia. Unido ao que Freud chamou de *Urangst*, ou seja, de angústia originária, o desamparo revela-se também como uma experiência estruturante da subjetividade e da condição humana e não deveria ser considerado como uma fatalidade, mas como um desafio.

Palavras-chave: Freud, Angústia, Desamparo, Subjetividade, Metapsicologia.

Abstract: Although Freud never conducted a systematic study of helplessness, today this experience occupies an important place in Freudian Metapsychology. Helplessness is intimately related to the fundamental metapsychologic concepts of the Unconscious and of Anxiety. Along with what Freud called primal anxiety, helplessness has been revealed as a constituent and formative aspect of subjectivity and human condition, and should not be considered as a fatality, but as a challenge.

Key words: Freud, Anxiety, Helplessness, Subjectivity, Metapsychology.

* Conferência pronunciada no V Fórum Nacional de Psicanálise, realizado na Cidade do Recife entre 17 e 20 de junho de 1999.

** Psicanalista membro do Círculo Psicanalítico de Pernambuco, Professor aposentado da Universidade Federal de Pernambuco e Professor do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco.

Introdução

Freud não fez um estudo sistemático da noção do desamparo. No entanto, parece inegável — e este V Fórum Brasileiro de Psicanálise o confirma — que a experiência do desamparo tem um lugar de destaque na Teoria psicanalítica. Situar o desamparo na Metapsicologia Freudiana, fazendo trabalhar sua articulação com os conceitos metapsicológicos do Inconsciente e da Angústia, é ao que me proponho nesta conferência. Na conclusão, partindo da distinção entre condição e situação de desamparo¹, farei algumas considerações sobre a dimensão estruturante da experiência do desamparo, experiência fundamental da condição humana, que, no entanto, deve ser olhada não como uma fatalidade, mas como um desafio.

I. Inconsciente e Desamparo

O próprio Freud articulou o Desamparo ao Inconsciente, quando, no artigo de 1917 — “*Uma Dificuldade da Psicanálise*” — apresentou a descoberta do Inconsciente como a terceira humilhação que a ciência infligiu ao narcisismo da Humanidade. Essas humilhações fizeram o homem tomar consciência de que nem a Terra é o centro do Universo, nem ele próprio, enquanto ser racional, tem uma origem diferente das dos outros animais, nem o ego é dono de sua própria casa².

Segundo Freud, a religião e a metafísica da subjetividade forjaram essas ilusões na medida em que fizeram do homem o centro do Cosmos, da Vida e do Psiquismo³. Copérnico e Darwin destruíram as duas primeiras com as teorias do heliocentrismo e da evolução das espécies, e coube a Freud, com a noção do Inconsciente, desconstruir a ilusão de que a consciência se identifica com o psiquismo, como queria a filosofia da racionalidade moderna. Descentrado, o sujeito humano perdeu a suposta autonomia de que se acreditava revestido.

¹ Esta distinção foi proposta por MARIO EDUARDO COSTA PEREIRA e discutida no Círculo Psicanalítico de Pernambuco numa conferência preparatória para o V Fórum Nacional Brasileiro de Psicanálise, cujo tema central versava sobre Psicanálise e Desamparo. A distinção é retomada no seu livro: *Pânico e Desamparo*, São Paulo: Escuta, 1999, 200-201, que infelizmente não tive oportunidade de consultar antes de redigir este meu trabalho.

² SIGMUND FREUD, *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917) Standard Brasileira, Vol. XVII, 171-184.

³ Ver sobre isso que escreve JOEL BIRMAN no seu livro: *Estilo e modernidade em Psicanálise*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

Descentramento e Desamparo

O descentramento já se apresenta na própria noção do Inconsciente, tal como é formulada por Freud desde a Primeira Tópica. De fato, a abordagem freudiana do Inconsciente, comparada a de seus predecessores (e penso particularmente nos psicoterapeutas dos séculos XVIII e XIX e nos filósofos Schopenhauer e Nietzsche), é original porque Freud conceitua o Inconsciente não apenas como o latente, o escondido, ou o inominável, mas como o excluído e, de modo ainda mais específico, como o Outro (*das Andere*). O Inconsciente surge nas lacunas do discurso consciente como o totalmente inesperado e o inteiramente outro. Assim sendo, o descentramento da consciência faz parte da própria noção do Inconsciente.

É verdade que, em Freud, o descentramento da consciência não é tão radical, como às vezes se pensa e se diz. Inúmeras passagens do texto freudiano apontam na direção de um recentramento e de um autocentramento da Consciência. É preciso não esquecer que, se Freud é um crítico da Modernidade⁴, ele é também um filho da *Aufklärung*, o último dos filósofos iluministas, na expressão de Peter Gay⁵, e, como diz Laplanche, “em Freud, quase a cada passo, é preciso falar de uma alternância entre as recaídas ptolomaicas e as de ressurgimento copernicano ou heliocentrismo”⁶.

O Inconsciente é o Outro

Como quer que seja, e apesar dessas alternâncias, é inegável que, para Freud, o Inconsciente é o Outro. Assim ele o apresenta, quando define o seu estatuto metapsicológico no artigo de 1915 — *Das Unbewusste*⁷. O Inconsciente não é apenas um sistema diferente da Consciência, ou o outro lado da Consciência, mas um sistema qualitativamente outro, vale dizer, o outro da Consciência, que se manifesta, no registro tópico, como uma *outra cena*, no registro dinâmico, como o *outro do desejo*, e no registro econômico, como um *sistema inteiramente outro*⁸, não regido pelo princípio de contradição, *zeitlos*,

⁴ Permito-me remeter o leitor ao que escrevi sobre Freud filho e crítico da Modernidade no artigo A questão da diferença e do sujeito no horizonte filosófico da crítica da racionalidade moderna, *Síntese Nova Fase* vol. 21. n. 67 (1994): 499-477.

⁵ PETER GAY, *Freud, um judeu sem Deus*, Rio de Janeiro: Imago, 1990.

⁶ Cf. JEAN LAPLANCHE, *La révolution copernicienne inachevée*, Paris: Aubier, 1992, XI.

⁷ SIGMUND FREUD, *Das Unbewusste* (1915) Studienausgabe, Band III, 121-162.

⁸ Novamente que me seja permitido lembrar o que escrevi no artigo: Freud e o estatuto metapsicológico do Inconsciente, no livro: *Freud : Aproximações*, Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995, 57-80.

isto é, atemporal, um sistema que funciona no registro dos processos psíquicos primários, e no qual a energia psíquica circula de maneira livre e desligada. Sua linguagem é uma linguagem antes da linguagem. Tudo isso define o Inconsciente como um outro psíquico, um sistema inteiramente diferente dos demais sistemas que constituem a personalidade psíquica.

O Inconsciente é constituído pelo desejo do Outro

Além do mais, o Inconsciente, enquanto o outro (*das Andere*), é constituído na e pela mediação de um Outro (*der Andere*). Laplanche reconstruiu esta gênese no contexto da sua teoria da sedução generalizada⁹. Para ele, o Inconsciente é constituído por aqueles elementos das mensagens enigmáticas do Outro, que a criança não consegue traduzir e que se inscrevem em seu psiquismo como significantes designificados. Estes significantes designificados serão investidos pelos representantes psíquicos das pulsões e, desse modo, darão origem ao inconsciente individual de cada um de nós e se constituirão como os objetos-fonte da pulsão¹⁰. Portanto, o Inconsciente não é apenas o outro (*das Andere*), ele também se constitui nesta relação primária com o Outro (*der Andere*).

A situação originária do desamparo

Pois bem, é nesta relação primária com o Outro que Freud encontra o paradigma da situação originária do desamparo e a designa como uma experiência de *Hilflosigkeit*. A palavra *Hilflosigkeit* é muito significativa, uma vez que é composta do substantivo "*Hilfe*," que quer dizer auxílio, ajuda, proteção, amparo, do sufixo adverbial modal "*losig*," que indica carência, ausência, falta de, e ainda pela terminação "*keit*", que forma substantivos do gênero feminino, cujo correspondente em português é a terminação "*dade*". A palavra *Hilflosigkeit* significa, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda — *hiflos* — sem recursos, sem proteção, sem amparo. Uma situação, portanto, de desamparo.

⁹ Cf. JEAN LAPLANCHE, *A teoria da sedução generalizada e outros escritos*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1988..

¹⁰ Cf. JEAN LAPLANCHE, *La pulsion et son objet-source. Son destin dans le transfert*, in IDEM, *La Révolution copernicienne inachevée*, Travaux 1967-1992, Paris: Aubier, 1992, 227-242.

A *Hilflosigkeit* freudiana refere-se, primeiramente, ao estado em que se encontra o recém-nascido, completamente impossibilitado de poder ajudar-se a si mesmo com seus próprios recursos. De fato, dificilmente se poderia imaginar um estado de desamparo maior do que esse do recém-nascido, o qual, por causa de sua imaturidade motora e psíquica, é um “*hilflos*”, vale dizer, alguém totalmente incapaz de satisfazer sozinho às suas necessidades vitais de sobrevivência.

*“A existência intra-uterina do homem — escreve Freud —, comparada a da maioria dos animais, é relativamente curta, e quando ele é lançado ao mundo (in die Welt geschickt) é menos acabado (unfertiger) do que eles. A influência da realidade do mundo exterior (der realen Aussenwelt) é reforçada, a diferença entre o ego e o id é precocemente adquirida (frühzeitig gefordert), os perigos do mundo exterior conseguem uma importância maior e o valor do objeto, o único que pode protegê-lo contra os perigos e substituir a vida intra-uterina perdida, é enormemente engrandecido. Assim o fator biológico está na origem das primeiras situações de perigo (Gefahrssituationen) e cria a necessidade de ser amado, que não abandonará jamais o ser humano”*¹¹.

Sem dúvida, esta incapacidade biológica é um dado inevitável, tem a força de uma predeterminação e marca a condição humana, desde o início, com o selo do desamparo. Todavia, não é só do ponto de vista biológico que a situação do recém-nascido é emblemática. Ela também significa *uma situação de desamparo diante do desejo do Outro*. Freud parece ter consciência disso quando, em *Totem e Tabu*, anuncia a existência de alguns tabus, criados para proteger culturalmente a criança e o velho, desamparados diante das ameaças do desejo dos outros¹².

Mas, inegavelmente, foi Lacan quem teve o merecimento de ressaltar esta dimensão do desamparo do ser humano em geral e da criança em particular, constituída pelo enigma do desejo do Outro: “*na presença primária do desejo do Outro como opaco, como obscuro, o sujeito está sem recursos. É um hilflos*”¹³.

¹¹ SIGMUND FREUD, *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) SA., Band VI, 293; ESB. vol. XX, 179.

¹² Cf. SIGMUND FREUD, *Totem und Tabu* (1912-1913) SA., Band IX, 312; ESB. vol. XI, 39.

¹³ Cf. JACQUES LACAN, *Le désir et son interprétation*, Séminaire 1958-59 (Publication hors commerce de l'Association Freudienne Internationale, 1996). Citado por PAULO ROBERTO MEDEIROS, *Hilflosigkeit. O emprego do termo por Lacan em duas sessões do seu Seminário sobre O desejo e sua interpretação*. Texto apresentado no IV Encontro preparatório do V Forum Brasileiro de Psicanálise e V Encontro Psicanalítico do CPPL em 21.03.1999.

Dir-se-ia que a dependência da criança não é só uma dependência biológica, ela é sobretudo uma dependência de amor e de desejo. E a angústia de desamparo manifesta-se quando a criança se sente ameaçada pela voracidade desse desejo obscuro e desconhecido do Outro. Assim considerado, o desamparo é constituinte da inserção do sujeito no mundo da linguagem e deixa transparecer essencialmente uma falta fundamental, "*le manque à être*", ou seja, uma falta-a-ser (para usar a expressão de Lacan), que cuidado algum pode suprir, já que "nenhuma linguagem pode dizer a última palavra sobre a verdade do ser". Para Lacan, é neste contexto que a *Hilflosigkeit* freudiana alcança sua dimensão verdadeiramente metapsicológica¹⁴.

A situação originária de desamparo é o modelo (*Vorbild*) de inúmeras outras situações de desamparo com as quais necessariamente o homem se confronta no decorrer da existência. O fato desta situação originária não poder ainda ser objeto de uma verdadeira experiência — pois o eu do recém-nascido, insuficientemente evoluído, não é ainda capaz de integrá-la como experiência de vida — não justifica dizer que ela se esgota numa dimensão puramente biológica, como mera descarga de excitação pulsional, sem nenhuma conotação psíquica.

A situação originária do desamparo é uma vivência arquetípica e, enquanto tal, ela se "repete" nas vivências ou em situações posteriores. E, nestas repetições, ela, *nachträglich*, isto é, *só depois*, adquire o sentido de uma experiência originária. Aqui entra em jogo a dialética da *Nachträglichkeit*, ou seja, a dialética do "só depois", que é característica da temporalidade psíquica. Por causa dessa *Nachträglichkeit*, na posterioridade de um Eu constituído, a experiência arquetípica adquire seu verdadeiro sentido, pois se, antes, por causa da imaturidade biológica e psíquica do sujeito, sua *vivência* não podia ser integrada como uma verdadeira *experiência*, no entanto, na vivência primitiva do desamparo foram inscritos traços que podem funcionar como um "apelo de sentido" e que "só depois" se convertem em uma verdadeira experiência de vida¹⁵. Dir-se-ia que a experiência originária é uma experiência que nunca termina de ser feita, e que só quando se repete nas experiências posteriores e lhes revela o significado encontra o seu verdadeiro sentido de experiência originária e arquetípica. A fonte só revela seu segredo de fonte, quando, posteriormente, constitui os mares e os rios.

¹⁴ Cf. Jacques Lacan comentado por MÁRIO EDUARDO COSTA PEREIRA no artigo: O pânico e os fins da psicanálise: a noção de desamparo no pensamento de Lacan, *Percurso*, n. 19, 2 (1997): 33.

¹⁵ Cf. LUÍS CLÁUDIO FIGUEIREDO, As Províncias da angústia (Roteiro de viagem), *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. II, n.1 (março de 1999): 55.

Portanto, na *Hilflosigkeit* do recém-nascido, Freud encontra a situação originária e paradigmática do desamparo. Além de dependente biologicamente, o desamparado está à mercê do desejo do Outro. Assim sendo, o desamparo articula metapsicologicamente os elementos que estão na gênese e na estrutura do Inconsciente que Freud definiu como o Outro e que é constituído pelo desejo do Outro, e, desse modo, ele tem um lugar de destaque na Metapsicologia freudiana.

Do muito que se poderia dizer sobre a articulação do desamparo com o Inconsciente no contexto da Segunda Tópica, e do que escreve Freud sobre o desamparo nos seus estudos sobre a Cultura¹⁶, vou destacar apenas a *questão dos ideais* na sua relação com as instâncias ideais do ego, ou seja, com a instância do ego ideal e do ideal do ego.

O desamparo e a questão dos ideais

No processo de constituição do Eu (refiro-me tanto ao Eu-sujeito quanto ao Ego-instância) trabalham as instâncias ideais do ego (ego ideal e ideal do ego), e conforme prevaleça uma das duas, teremos dois modelos diferentes de subjetividade. Com o *Ego ideal (Idealich)*, forjado segundo as ambições fálicas do narcisismo infantil, prevalece o modelo de uma subjetividade fechada, na qual o ego se constitui como se fosse sua própria origem e fundamento.

Evidentemente, são ilusórios os ideais nutridos neste tipo de subjetividade, na qual as idealizações se apresentam como crenças ou realizações de um *desejo de plenitude imaginária*. Segundo Freud, a esta categoria pertencem os ideais religiosos. Se eles têm um papel de suma importância na Cultura, é porque são representações de desejos muito antigos e muito tenazes da Humanidade, e sua força é a força desses desejos¹⁷. O *Futuro de uma Ilusão* é uma crítica impiedosa, como o próprio Freud reconhece¹⁸, à ilusão religiosa, mediante a qual o homem procuraria, de alguma forma, fugir de sua situação de desamparo e idealizaria a figura de Deus sob a forma de uma Providência onipotente que tudo explica, mesmo os enigmas mais impenetráveis do Mundo e da Vida.

¹⁶ Ver especialmente os textos de FREUD: *Massenpsychologie und Ichanalyse* (1922) *Die Zukunft einer Illusion* (1927) e *Das Unbehagen in der Kultur* (1930).

¹⁷ SIGMUND FREUD, *Die Zukunft einer Illusion* (1927) SA., Band IX, 164.

¹⁸ CF. a carta escrita por Freud a Pfister aos 11.04.1927. In SIGMUND FREUD, *Correspondance avec le Pasteur Pfister*, Paris: Gallimard, 1966.

Com o *Ideal do ego* (*Ichideal*) temos um modelo diferente tanto de subjetividade quanto de ideal, pois o ideal do ego é uma instância aberta para a alteridade, que leva o ego a reconhecer suas deficiências e a buscar fora de si um ideal, que funciona como apelo e não como exigência, e que está sempre presente no horizonte das buscas e das procuras do sujeito, animando-lhe a caminhada, mesmo quando se sabe que o ideal nunca poderá ser atingido plenamente¹⁹.

Generalizando o que Freud diz sobre os ideais religiosos, há quem acredite, nos meios psicanalíticos, que só quem não é capaz de assumir o próprio desamparo apela para os ideais. Dir-se-ia que não podemos admitir os ideais, sem correremos o risco de neles nos alienarmos. É possível que esta maneira de colocar a questão seja, em parte, responsável pelo mundo sem ideais no qual estamos vivendo, hoje.

Qualquer que seja a posição pessoal de Freud diante da questão dos ideais, é inegável que, em sua doutrina, podemos encontrar elementos que nos ajudam a repensar esta questão, sem que esses sejam necessariamente condenados às idealizações ilusórias de crenças totalizantes. Naquilo que Freud escreveu sobre a sublimação, certamente se pode encontrar uma abertura, rica de imensas possibilidades, para outra modalidade de ideal que, sem ocultar a falta, os limites e as imperfeições, assegura a possibilidade de investirmos nossa libido em sonhos e projetos que se nutrem no movimento do nosso desejo e de nossas possibilidades criativas²⁰.

II. Angústia e Desamparo

O problema da angústia centralizou a atenção de Freud desde seus primeiros escritos psicanalíticos²¹ até às reformulações feitas em 1926 no livro *Inibição, Sintoma e Angústia*²², e o próprio Freud, por ocasião desta reformulação, encarregou-se de articular a angústia com o desamparo.

¹⁹ Cf. JOEL BIRMAN, *Estilo e modernidade em Psicanálise*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 90.

²⁰ Algumas das observações aqui apresentadas sobre o desamparo e a questão dos ideais devo-as ao pequeno e denso trabalho de CARMEN DA POIAN (*O desamparo e a questão dos Ideais*), que, embora não tenha ainda sido publicado, pude consultá-lo numa cópia que me foi cedida pela autora.

²¹ Veja-se o artigo que ele escreveu em 1985 sobre a Neurose de Angústia. Standard Brasileira, Vol. III, 103-140.

²² SIGMUND FREUD, *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) SA., Band VI.

Na trajetória seguida para definir o estatuto metapsicológico da angústia, ele primeiramente estudou os casos clínicos que classificou nosograficamente como neurose de angústia (*Angstneurose*), nos quais a “tensão sexual” não é ab-reagida por falta de uma elaboração psíquica eficaz. Assim sendo, ela se congela no corpo, sem poder ser representada nem simbolizada, descarregando-se sob a forma de uma angústia, tão mais inquietante, quanto mais indeterminada.

Ao fazer, em seguida, o estudo metapsicológico da angústia no contexto de sua teoria da libido, Freud dá especial realce à *Triebangst*, vale dizer, à angústia pulsional, e coloca, em primeiro plano, como motivo da angústia o *Triebgefahr*, ou seja, o perigo pulsional. Trata-se de um perigo inerente à própria pulsão, resultante da dimensão traumatizante que era, para Freud, característica da sexualidade, ao menos no contexto de sua primeira tópica. A pulsão ataca de dentro e, diante dela, a fuga não é uma defesa eficaz. Os perigos externos tornam-se ameaçadores, quando neles é projetado o perigo pulsional interno, como é o caso dos objetos e das situações fobogênicas²³.

Mas é, sobretudo, quando procede à reformulação da teoria da angústia que Freud ressalta sua íntima relação com o desamparo. Este trabalho de reformulação da doutrina consistiu substancialmente em três coisas: primeiro, Freud repensou a natureza da angústia, fazendo do trauma do nascimento uma *Urangst*, isto é, uma angústia originária que se tornou arquetípica das demais situações de angústia; em seguida, ele redefiniu a tópica e a função da angústia, introduzindo no ego a angústia-sinal, como defesa contra a angústia originária do desamparo que, como uma angústia automática, se repete nas situações traumáticas; e, finalmente, e não sem ambigüidade, ele colocou em primeiro plano a *Realangst*, ou seja, a angústia do Real no lugar da angústia pulsional.

***Urangst* e Desamparo**

Repensando a natureza da angústia, Freud descobre, no desamparo primordial do nascimento, a angústia na sua forma originária — a *Urangst*. Ela se repete nas diversas formas de angústia de separação que nos acompanham do nascimento à morte.

²³ Esta primazia do perigo interno sobre o externo vai ser questionada, não sem ambigüidade, em algumas passagens muito expressivas do texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926). Nessas passagens, tem-se a impressão que, depois de ter introduzida a idéia de uma angústia originária (*Urangst*), Freud deixa de colocar, em primeiro plano, o *Triebangst* na análise metapsicológica da angústia. Este primeiro plano passando, então, a ser ocupado pela *Realangst*.

Assim vista, a angústia do desamparo torna-se a angústia típica da condição humana, ou desse modo particular de ser que é o nosso, marcado pela dor e pelo limite do não-ser. O limite do não-ser é constitutivo de nosso enigmático modo de ser, que é *ser-não-sendo* e *não-ser-sendo*. O não-ser está no cerne de nosso ser e, por esta razão, dizem os filósofos, a morte integra nossa condição existencial. “Ela, como diz o poeta, *se nutre do tempo que eu sou, fazendo-se também comigo esse único que ainda não vim a ser, mas que serei um dia, precisamente nela, na morte, momento de grande síntese, onde, enfim, cada homem encontra-se com sua verdade*”²⁴.

A angústia que todo ser finito sente diante da morte e do nada define a condição essencial da existência humana. Alguns místicos e filósofos, e penso particularmente em São João da Cruz, Kierkegaard e Heidegger, ajudam-nos com suas experiências místicas e metafísicas a elucidar, um pouco, o enigma dessa condição e, conseqüentemente, a angústia do desamparo²⁵.

Bastaria lembrar o vazio que São João da Cruz descobre no mais íntimo da sua alma, onde a experiência da angústia do Nada é vivida como um mergulho nas trevas profundas de uma “noite escura”, na qual, inteiramente desamparado, o grande místico “sofre” a união mística com o Amor Divino, pois sofrer a angústia do Nada é o caminho que lhe é oferecido para descobrir o Tudo que para ele é o amor de Deus.

Já em Kierkegaard, a angústia é associada à dimensão do possível. A abertura para o mundo das possibilidades, onde se encontra o segredo da nossa condição existencial é, ao mesmo tempo, uma experiência angustiante, porquanto, diante do possível, *tudo é possível e nada é impossível*. Kierkegaard nos faz sentir de que modo, diante das infinitas formas de realização e de não-realização da possibilidade que existencialmente nos define, somos todos desamparados. Este desamparo é inerente à nossa condição humana. Ele é o preço e a vertigem de nossa liberdade²⁶.

Para Heidegger, cujo pensamento resumo em poucas linhas, ajudado pelo comentário de Luis Cláudio Figueiredo, a angústia constitui-se como o “conhecimento” mudo do *nada* sobre o qual nos mantemos suspensos ... e nos *pro-jetamos* com tudo o que isto carrega de contin-

²⁴ DANIEL LIMA, *Perdidos e achados*. Citado por ZEFERINO ROCHA, *Palavras para o silêncio*, Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998, 237.

²⁵ Ver o interessante capítulo : A angústia e o Negativo: a angústia na tradição do pensamento ocidental, in MÁRIO EDUARDO COSTA PEREIRA, *Pânico. Contribuição à Psicopatologia dos ataques de pânico*, São Paulo: Lemos Editorial, 1997, 21-33.

²⁶ Cf. SØREN KIERKEGAARD, *Le concept d'angoisse*, Paris: Gallimard, 1935.

gência, efemeridade, precariedade, “inutilidade”. Mas, este *nada*, este vazio de formas ... deve ser também concebido como uma “plenitude” secreta, como a possibilitação dos entes no seu vir-a-ser”²⁷. Não é só a experiência angustiante do *nada*, mas a *experiência da abertura* e da possibilidade para as infinitas novas formas de manifestações do Ser que torna a experiência do desamparo uma experiência estruturante da subjetividade.

Poder-se-ia perguntar se não é uma angústia dessa natureza, marcada pela dialética do Nada e do Tudo, do Nada sobre o qual nos mantemos suspensos, não apenas para ver absurdamente interrompidos nossos projetos de ser, mas para fazer essa experiência de uma abertura para infindas possibilidades; se não é, repito, dessa natureza a angústia que Freud designou como a angústia diante do Real (*Realangst*) e colocou, sem tirar dela todas as conseqüências, no centro de sua última teoria da angústia. Deixo a questão aberta sob a forma de uma pergunta, porque tentar respondê-la exigiria uma outra conferência. Como quer que seja, Freud descobriu que existe uma angústia muito mais fundamental do que a angústia pulsional e que ela está na origem do existir, da qual o desamparo é a experiência arquetípica.

À guisa de uma conclusão

Que a experiência do desamparo tenha um lugar de destaque na Metapsicologia Freudiana não surpreende, se não nos esquecermos de que ela é uma experiência estruturante da subjetividade. E é sobre isto que, para concluir, eu gostaria de tecer minhas reflexões finais.

A experiência de desamparo faz parte daquelas experiências fundamentais da condição humana, sobre as quais tanto refletiram os sábios de todas as épocas no decurso da História da Humanidade. Nela, o homem adquire uma forma de saber — um saber de experiência feito, diria o poeta — que só no sofrimento se adquire. E isto me faz pensar em Ésquilo, o grande trágico grego. Falando sobre o sofrimento, ele resumiu em duas palavras uma máxima que figura entre as mais belas da sabedoria grega: *παθει μάθος*, isto é, sofrer para saber, sofrer para aprender.

Os gregos criaram uma palavra especial — *βροτος* — para definir o homem nesta sua condição de ser mortal e finito. Era esta condição

²⁷ LUIS CLÁUDIO FIGUEIREDO, *As Províncias da Angústia (Roteiro de Viagem)*, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. II, n. 9 (março de 1999): 58.

que distinguia os deuses dos homens. Mesmo quando se encontrava no auge da glória e da fama, o herói grego jamais se esquecia das palavras que Ulisses pronunciou diante da loucura de Ajax:

*“nós, os vivos, nós não passamos de fantasmas
ou de uma leve sombra”.*

No fim da época arcaica e no começo da época clássica, era o sentimento de insegurança e de desamparo — que os gregos traduziam com a palavra *αμηχανία* (*amechanía*) — o que mais chamava a atenção da sensibilidade da alma grega²⁸. Até o próprio sucesso era olhado com uma certa desconfiança, porquanto, de um lado, ele podia provocar o ciúme dos deuses — o *φτονος* divino — e, de outro, suscitar a tentação da *υβρις* (*hybris*), vale dizer, da desmedida, pela qual o homem era tentado a ultrapassar sua condição de mortal ou a querer o impossível. Ésquilo lembra que a “*hybris*” não traz nenhum proveito para os mortais, pois a seara dos orgulhosos é feita só de lágrimas²⁹.

Pois bem, é à luz dessas experiências que penetram no mais profundo da existência humana que a experiência do desamparo aparece como uma experiência estruturante da subjetividade humana.

Desamparo, experiência estruturante da subjetividade

Nela o homem penetra o mais íntimo de sua singularidade e faz, na mais nua e completa solidão, a descoberta da contingência e da finitude de sua existência. Difícil imaginar uma forma de solidão maior e mais dolorosa do que aquela do desamparado. Nela o ser humano encontra-se inteiramente só. O desamparado sente-se tão só, como o náufrago perdido na imensidão do mar. A metáfora é uma tentativa de mostrar que a essência do desamparo é a solidão e o sentimento de impotência, constituídos pela impossibilidade do sujeito de encontrar sozinho uma saída para a situação em que se encontra. Mas ela não termina aí, porque, ao mesmo tempo e normalmente, o desamparo abre para a alteridade. Ele é um grito desesperado de ajuda lançado na direção do outro. Quando o grito fica sem resposta, o desamparo torna-se desespero.

²⁸ Provavelmente é a palavra “*amechania*” que melhor traduz em grego a noção de desamparo. Tanto na sua forma substantiva (*amechania*), que significa carência, falta, impotência, situação difícil, quanto na sua forma adjetiva (*amechanós*) que significa incapaz, impotente, que não dispõe de recursos, que não consegue sair da situação difícil em que se encontra, o termo traduz com exatidão a idéia do desamparo.

²⁹ ÉSQUILO, *Os persas*.

Assim sendo, o desamparo estrutura um modelo de *subjetividade aberta*, em contraposição ao modelo fechado do tipo identitário, que enclausura narcisicamente o sujeito dentro de sua auto-suficiência, como se ele fosse o seu fundamento auto-fundante.

Desamparo, experiência fundamental da condição humana

Elemento estruturante da subjetividade, a experiência do desamparo, portanto, faz parte da nossa condição humana. E por condição humana eu entendo o nosso modo de ser no incessante e irreversível fluir da existência. A fatia do tempo em que nos situamos é a do instante presente, que, precisamente por ser instante, é instável, não fica nem permanece. E isto marca nossa condição humana com a modalidade de existir na insegurança, pois é um existir aberto ao que é inesperado e imprevisível. É de total desamparo a experiência da nossa incapacidade e da nossa impotência diante da marcha inexorável do tempo, que fazia o poeta latino dizer com tristeza:

Heu mihi fugaces labuntur anni
(Ai, infeliz de mim, quão depressa passam os anos).

Nessa inexorável marcha do tempo, a única certeza é a da morte, a mais incerta de todas as nossas certezas e a mais certa de todas as nossas incertezas. Ela pode nos surpreender em cada esquina, em cada curva de nossas estradas, ou ela pode também estar nos espreitando por detrás de cada um dos nossos gestos e por trás de cada um de nossos sorrisos. Fazendo parte de nossa condição, ela nos condena a ser “um ser para a morte”, como diria Heidegger. Mas esta condenação, ao invés de retirar o sentido da vida, convida-nos a viver intensamente cada um dos instantes, como se cada um deles pudesse ser o último, ou o derradeiro. Há muita sabedoria nesta advertência do poeta:

“Não cuides nem das horas nem dos anos,
mas dos instantes e do agora cuida apenas.
Cuida de cada um deles. Vive-o todo
Como se único fosse, ou o derradeiro”³⁰.

Ninguém pode fugir da condição fundamental de desamparo sem condenar-se a viver na mediocridade do anonimato ou da inautenticidade, como sugere Heidegger, ou, ainda, sem deixar-se

³⁰ DANIEL LIMA, Soneto do instante puro (*Sonetos quase sidos*). Citado por ZEFERINO ROCHA, *Palavras para o Silêncio*, Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998, 23.

envolver pelo engodo das ilusões, como ensina Freud. Mas daí não se segue que devamos nos submeter servilmente a esta condição humana. Pela força criativa da inteligência e da imaginação, e pela capacidade de luta que nos é inata, o homem projeta seus sonhos e seus anseios para conseguir, não digo transcender sua condição humana, mas escapar à sua servidão. Ou seja, aceitando a condição fundamental do desamparo, o homem luta a fim de encontrar saídas para as situações de desamparo, situações essas, umas criadas sem o concurso de sua vontade, e outras criadas pela sua incapacidade de resolver os problemas diante dos quais ele tem que se posicionar no decurso de sua existência.

Assumir esta luta é o desafio de todos nós, seres humanos, que, juntamente com a tarefa da existência, recebemos também a responsabilidade de lhe dar um sentido. Olhando a existência como uma tarefa, o homem deixa de ser brinquedo do Destino e passa, ele próprio, a construir o seu destino e a escrever a sua história. Assumir sua condição fundamental de desamparo e lutar para encontrar soluções para as situações de desamparo, e para construir, como diz Joel Birman³¹, uma estilística da existência, este o nosso grande desafio.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

COSTA PEREIRA, Mário Eduardo. "O pânico e os fins da psicanálise: a noção de desamparo no pensamento de Lacan". *Percursos* n. 19. 2 (1997).

COSTA PEREIRA, Mário Eduardo. *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta, 1999.

LIMA, Daniel. "Perdidos e Achados". In ROCHA, Zeferino. *Palavras para o Silêncio*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

³¹ Cf. JOEL BIRMAN, *Por uma estilística da existência*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. "Soneto do instante puro". In IDEM. *Sonetos quase sidos*. In ROCHA, Zeferino. *Palavras para o Silêncio*. Recife, 1998.

DA POIAN, Carmen. *O desamparo e a questão dos ideais*. Trabalho digitado ainda não publicado.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. "As Províncias da angústia (Roteiro de viagem)". *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* vol. II, n.1 (março de 1999).

FREUD, S. *Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als Angstneurose abzutrennen* (1895) SA, Band VI; ESB, vol. III.

_____. *Totem und Tabu* (1912-1913). SA, Band IX; ESB, vol. XI.

_____. *Das Unbewußte* (1915) SA, Band III, 121-162; ESB, vol. XIV.

_____. *Die gemeine Nervosität* (1916). In IDEM. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916) SA, Band I; EBS, vol. XVI.

_____. *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise* (1917). ESB, vol. XVII, 171-184

_____. *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) SA, Band VI; ESB, vol. XX.

_____. *Die Zukunft einer Illusion* (1927) SA, Band IX.

_____. *Correspondance avec le pasteur Pfister*. Paris: Gallimard, 1966.

GAY, Peter. *Freud, um judeu sem Deus*. Rio de Janeiro: Imago, 1990

KIERKEGAARD, Sören. *Le concept de l'angoisse*. Paris: Gallimard, 1935.

LACAN, Jacques. *Le désir et son interprétation. Séminaire (1958-1059)*. Publication hors commerce de l'Association Freudienne Internationale. 1996.

LAPLANCHE, Jean. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, 1992

_____. *A teoria da sedução generalizada*. PortoAlegre: Artes Médicas, 1989.

_____. "La pulsion et son objet-source. Son destin dans le transfert". In IDEM. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, 1992, p. 227-242.

MEDEIROS, Paulo Roberto. Hilfslosigkeit. *O emprego do termo por Lacan em duas sessões do seu Seminário sobre O desejo e sua interpretação*. Texto digitado apresentado no IV Encontro preparatório do V Forum Brasileiro de Psicanálise e V Encontro Psicanalítico do CPPL em 21.03.1999.

ROCHA, Zeferino. "Freud e o estatuto metapsicológico do Inconsciente" In IDEM. *Freud: Aproximações*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995

_____. "A questão da diferença e do sujeito no horizonte filosófico da crítica da racionalidade moderna". *Síntese Nova Fase* vol. 26, n. 67 (1994): 449-477.

Endereço do Autor:
Rua Conselheiro Portela, 139 / 502
52052- Recife — PE